

6ª PARTE

DISCURSOS E CONFERÊNCIAS

HOMENAGEM A DOIS GRANDES ESCRITORES OITENTÓES!

Lourdinha Leite Barbosa

O motivo desta homenagem é expressar nossa admiração e respeito pelos confrades e amigos que, neste ano de 2018, comemoram oitenta anos de vida, nasceram, portanto, no ano de 1938. São dois artífices da palavra e excepcional dimensão, que muito nos honram com sua presença nesta vetusta academia: Rafael Sânzio de Azevedo e Pedro Henrique Saraiva Leão. Já que os currículos, de ambos, são muito extensos, procuraremos nos ater às informações essenciais, que dizem respeito ao fazer poético.

Iniciemos por aquele que primeiro veio ao mundo: Sânzio de Azevedo nasceu no dia 11 de fevereiro de 1938. Filho do poeta e pintor Otacílio Ferreira de Azevedo e de Teresa Almeida de Azevedo. Pedro Henrique Saraiva Leão nasceu três meses depois do nascimento de Sânzio, no dia 25 de maio. Filho do advogado Manoel Pio Saraiva Leão e da Professora Maria Eunice Saraiva Leão.

Ambos passaram a infância e a juventude numa Fortaleza provinciana, que vivia uma espécie de transição entre o rural e o urbano e, tranquila, espreguiçava-se sob o sol incandescente, abrandado por uma constante aragem vinda dos lados do mar. A cidade acordava com o canto dos galos, o chilrear dos pássaros e o grito dos pregoeiros e vestia-se, sem pressa, para a faina diária. A vida se processava devagar. Havia tempo para visitas e delicadezas, e uma mesa sempre posta para o café. À tardinha, esperava-se o sopro do vento Aracati em cadeiras nas calçadas, numa conversa amigável que favorecia o aconchego e a benquerença entre vizinhos. A maior parte da população morava em casas conjugadas, somente os mais abastados viviam em casarões, bangalôs, palacetes. O quintal, no entanto, era quase obrigatório e havia árvores, frutíferas ou não, em cujas copas morava uma infinidade de passarinhos, ali também, criavam-se galinhas e outros animais.

O medo existia. Sempre existiu: do escuro, da doença, da maldade, da guerra que se avizinhava, mas os dias passavam mansamente e se podia caminhar pelas ruas sem sobressaltos. A segurança consistia, simplesmente, no uso de chaves, ferrolhos e na vigilância de cães.

Procuramos ouvir histórias vividas por nossos homenageados quando crianças e não foi surpresa nenhuma constatar que a semente da criatividade dos, hoje, escritores, há muito havia sido plantada. Sânzio lembra-se de fatos que lhe aconteceram em tenra infância naquela *Fortaleza Descalça*, cujas ruas, sem pavimento, ainda eram corredores para animais. Conta ele que, certa vez, devia ter uns três a quatro anos, estava sentado em cima de um muro na Rua Costa Barros, quando um touro investiu contra ele, o susto foi tamanho que quase despencou, só não ocorreu um acidente maior, porque sua irmã o sustentou. Lembra-se, ainda, do sítio Eugênio Porto, que ficava na Rua Jaime Benévolo, Bairro José Bonifácio, hoje Fátima, para onde a família se mudara. Seu pai saía para pintar no arvoredor e ele o acompanhava e, enquanto o pai criava paisagens, ele se divertia subindo nas árvores. Ali, pôde assistir ao trabalho dos operários que construía o calçamento da Avenida Treze de Maio. Como a mãe não lhe permitia brincar na rua, o menino Sânzio gastava o tempo a ler e a desenhar. Com nove anos leu *Viagem à Aurora do Mundo*, de Érico Veríssimo, e, encantado com os animais, escreveu uma carta ao autor, que o surpreendeu com uma gentil resposta na qual afirmava que eles seriam, para sempre, grandes amigos. Este fato ficou registrado em sua memória.

Pedro Henrique, morava com a família no bairro Alagadiço, hoje Bezerra de Menezes e, desde cedo, mostrou interesse pelas palavras, exemplo disso foi a criação de um jornalzinho, denominado Pequeno Jornal Infantil, do qual ele e Lúcio Alcântara eram os editores. Escrito em papel almaço, o jornal circulava de mão em mão entre os amigos da redondeza, que também participavam de outra brincadeira, inventada por eles: o Comício.

Para realizar o comício, eles criavam microfones, usando cordões e latas vazias de manteiga, através desses objetos proferiam seus discursos sobre os degraus que davam para o quintal da casa do Dr. Waldemar de Alcântara. Ali, em cima de um caixote de maçãs, eles se revezavam e transmitiam suas extraordinárias ideias para o progresso do Estado, creio que, para Lúcio, esse ensaio tenha sido uma espécie de premonição.

As mães preocupavam-se com as travessuras dos filhos e sempre os aconselhavam: - Meninos, vocês acabam fazendo uma arte! Nossos homenageados devem ter feito algumas, mas, arte mesmo, eles vieram a fazer bem mais tarde. É sobre essa outra arte, que tem como instrumento a linguagem artisticamente trabalhada, que tentaremos fazer uma brevíssima reflexão.

Sânzio nos legou obras de superior relevância no âmbito da pesquisa, da crítica literária, histórica e cultural do Ceará e do Brasil, exemplo disso é sua extensa pesquisa sobre a Padaria Espiritual. Seu vasto conhecimento é reconhecido por estudiosos, ensaístas e estudantes que se valem de experiência de Sânzio para dirimir suas dúvidas. Nós, seus amigos, costumamos dizer que Sânzio é uma espécie de enciclopédia da Literatura Cearense, disciplina que ministrou durante muitos anos no Curso de Letras da Universidade Federal do Ceará. Em 11 de outubro de 1973, Sânzio tomou posse na Academia Cearense de Letras, sendo saudado pelo escritor Fran Martins, e ocupa a cadeira número 1, cujo patrono é o escritor Adolfo Caminha.

Pedro Henrique, durante o curso na Faculdade de Medicina da UFC, participou de um grupo de estudantes brasileiros que visitou algumas universidades norte-americanas a convite do Departamento de Estado daquele país, ocasião em que obteve na Universidade de Michigan o *Certificate of Proficiency in English*, que o habilitou ao cargo de professor do Instituto Brasil Estados Unidos, onde ministrou aulas durante doze anos. Além de ensinar inglês, Pedro Henrique é Professor Adjunto da Faculdade de Medicina da UFC, da qual

recebeu, este ano, o título de Professor Emérito (2018). Também escreveu ensaios sobre temas literários e científicos que constituem um rico material de pesquisa, dentre eles destacam-se: *Medicina e Literatura*, *Quem Ezra Pound* e *As Plumas de João Cabral*. Tomou posse na Academia Cearense de Letras em 19 de setembro de 1986 e foi saudado pelo acadêmico Pedro Paulo Montenegro. Ocupa a cadeira de número 25, cujo patrono é o romancista Oliveira Paiva

Sânzio e Pedro Henrique têm em comum o ano e a cidade em que nasceram, a opção pelo magistério, e, principalmente, o fato de serem excelentes poetas e ambos pertencerem à ACL.

Para que melhor compreendamos as diferenças entre o fazer poético de cada um dos nossos homenageados, procuraremos lembrar alguns aspectos importantes do processo da criação de ambos. Sabemos que as relações entre arte, real e homem se modificam constantemente em decorrência dos valores culturais, portanto o processo criativo, por ser uma manifestação de cultura, é dinâmico, muda com o tempo, e não comporta abordagens limitadoras. Sua realização envolve um sistema complexo, no qual se destacam quatro elementos básicos: o escritor, o contexto, a obra e o leitor.

Entende-se como contexto, no sentido mais amplo, o Cosmo, ou seja, tudo aquilo que faz parte da consciência humana. O contexto se caracteriza por seu aspecto amorfo, caótico, necessitando, portanto, de uma consciência que lhe dê sentido e coerência. É o artista, no nosso caso o escritor, que vai dar coerência e sentido ao Contexto, em termos de Arte. Sob a influência da cultura de sua época e de suas experiências pessoais, ele capta aspectos do universo e lhes dá nova ordem, por meio de formas simbólicas. A obra é o resultado da ação do escritor e tem no leitor, fruidor, a razão de sua existência, pois sem ele o texto literário se perde no vazio. O leitor não é um mero receptor passivo do conteúdo da obra, mas, sim, um decifrador e coautor.

Sânzio e Pedro Henrique sofreram a mesma influência da cultura de sua época em seus processos de criação; no entanto, viveram

experiências pessoais diversas que interferiram na visão que têm do real, desse modo a codificação artística do recorte do universo reorganizado por cada um deles, é que fez a diferença.

Tentaremos, através de poemas de nossos dois homenageados, apontar a ruptura da dimensão cotidiana, como a quebra que instaura o acontecimento estético e, ao mesmo tempo, mostrar que tanto a escolha da codificação artística, quanto os processos utilizados por cada um deles, na reorganização do recorte da realidade, ocorreram de modo diferente, devido às experiências pessoais e à visão de mundo de cada um deles. Na experiência de vida, confrontam-se e reduzem-se à unidade: linguagem, sentimento e mundo.

Embora Sânzio e Pedro Henrique escrevam outros gêneros literários, demos preferência à poesia por ser o gênero escolhido por eles em seus projetos existenciais e estéticos.

Sânzio de Azevedo, profundo conhecedor da métrica tradicional, autor de *O Parnasianismo na Poesia Brasileira* e *Para uma teoria do verso* revela em seus poemas um talento imenso e uma grande preocupação com a linguagem e com a construção poética. Empregando a rima ou utilizando-se de versos brancos, longos ou curtos, o poeta representa o constante fluir da vida através de temas essenciais e perenes. Os dois sonetos, de extraordinária beleza, que serão lidos a seguir foram escolhidos pelo próprio poeta. Vale salientar que dentre os poemas de forma fixa, o soneto foi o que mostrou maior resistência às idas e vindas dos movimentos literários, sua capacidade de adaptação o ajudou a atravessar os séculos até chegar aos nossos dias.

Os dois sonetos obedecem à estrutura estrófica (dois quartetos e dois tercetos), à estrutura métrica (decassílabos) e à estrutura rímica (intercaladas e cruzadas). Vejamos o soneto que tem como título, ‘Versos ao Sono’:

Meus pais se foram, já faz muitos anos.
Perdi depois o irmão mais velho e, um dia,
minha única irmã a travessia

inevitável fez, e dos meus manos

apenas um ficou. A fantasia
enche-me a solidude com os enganos
quando, à noite, mergulho nos arcanos
dos devaneios, que a lembrança cria.

Dormindo, pela névoa da saudade,
Estou a vê-los novamente rindo
Como os via, feliz, na mocidade.

Hoje, o consolo aos dias mais tristonhos
é, no meio da noite, o instante lindo
de rever o passado nos meus sonhos.

O soneto nos fala da transitoriedade da vida, de momentos felizes e de experiências pungentes que brotam da linguagem como lágrimas e se constrói a partir do vazio deixado pela ausência dos entes queridos. Essa falta é elaborada, através da linguagem poética, pelas oposições sonho e vigília. A vigília representa o presente, a dura realidade do eu-lírico, um ser que se sente incompleto; ao passo que o sonho representa o desejo de retorno a um passado feliz, quando havia a ilusão de uma completude. O poeta não quer solucionar o mistério, mas sim instaurar uma indagação diante dele.

No segundo poema, “Alcobaça”, o eu-lírico, envolvido pela emotividade, conduz o leitor à Idade Média, mais precisamente ao Mosteiro de Alcobaça, fundado em 1148, por Afonso Henriques:

Em Alcobaça eleva-se o Mosteiro
Que em plena Idade Média foi erguido
Quando de Santarém o forasteiro
Mouro se viu sob armas expelido.

Cheio de contrição, como um romeiro,
Olho os arcos soberbos, e duvido
Estar mesmo num templo concebido
Pelo conquistador, o rei primeiro.

Diante de mim, os túmulos augustos
De Pedro e Inês, magníficos, vetustos,
Guardam o ardor dos trágicos amores.

Quedo-me absorto a contemplá-los, quando
Sinto, a envolver tão seculares dores,
A sombra imensa de Camões, sonhando...

Neste, predominam imagens de um passado heroico. Os dois quartetos referem-se a fatos históricos, quando Afonso I venceu a Batalha contra o Mouro Abu Iaçube Lúçufe, em Santarém, fato primordial para a solidificação do Reino de Portugal. Já no primeiro terceto, a afetividade leva o poeta a recordar a trágica morte de Inês de Castro, devido ao seu amor, proibido, por Dom Pedro. A Imagem de Camões, o poeta maior, cuja obra monumental sintetiza a História de Portugal, fecha o soneto.

A obra poética de Sânzio é composta pelos seguintes títulos: *Cantos da longa ausência* (1966), *Poesia de todo o tempo* (1970), *Canto efêmero* (1986), *Cantos da antevéspera* (1999) e *Lanternas cor de aurora* (2006), que comprovam o valor intelectual do autor e evidenciam a perenidade de sua poesia vazada numa linguagem, esteticamente trabalhada e de grande expressividade. No livro de haicais *Lanternas cor de aurora* avultam mensagens de aliciante beleza, o poeta constrói seus poemas de dezessete sílabas, seguindo o esquema rimático proposto pelo poeta paulista Guilherme de Almeida, ou seja, rimando o primeiro verso com o terceiro e utilizando a rima interna no segundo. Escolhemos, como exemplo, dois haicais, o primeiro denomina-se “Nordeste”: “Sol-pôr. Vento brando/ Na praia a espuma desmaia:/

jangadas voltando.” Descortina-se ao leitor uma paisagem tranquila e agradável ao pôr-do-sol, a impressão de frescor é produzida pelo “vento brando”. O poeta rejeita a linearidade da forma verbal discursiva, ao suprimir os elos conectivos sintáticos, já que as vivências anímicas não se adaptam à rigidez da sintaxe lógico-gramatical. Assim, ao utilizar frases nominais (Sol-pôr, Vento brando) e as orações coordenadas justapostas (Na praia a espuma desmaia/ jangadas voltando), ele evita a dispersão da atmosfera lírica. Em “Noite na praia”, comprova-se a apurada sensibilidade e o senso artístico do autor: “O vento dos mares/ excita a palma que agita/ farfalhos de luares”. A brisa marítima e o luar propiciam a elevação do espírito, através da bela sinestesia “farfalhos de luares”, em que o poeta combinando palavras que sugerem diferentes impressões sensoriais, funde o rumor da folhagem com os raios de luar e o resultado imprevisível surpreende e comove o leitor.

Por volta de 1956, Pedro Henrique, juntamente com Alcides Pinto, Horácio Dídimo, Antônio Girão Barroso, Liberal de Castro, Goebel Wayne e com outros escritores e artistas, participou do movimento concretista cearense. A poesia concreta que, segundo Alfredo Bosi, impôs-se como a expressão mais viva e atuante da nossa vanguarda estética, tem como precursores os irmãos Haroldo e Augusto de Campos e Décio Pignatari. Os poetas concretistas retomam processos criativos comuns às correntes de vanguarda europeias, como o futurismo e o dadaísmo, e ao Modernismo de 22, em sua fase mais polêmica, e buscam em suas obras “atingir e explorar as camadas materiais do significante (o som, a letra impressa, a linha)”, essa foi a corrente literária que mais influenciou a escrita de Pedro Henrique e ainda, hoje, ressoam em seus versos alguns processos compositivos herdados dos concretistas. Não resta dúvida de que ele se filia à chamada Literatura de Invenção, alguém pode dizer que o termo é redundante, porém alguns estudiosos assim se referem a

escritores que (re)inventam, ou seja, inventam em cima da invenção como James Joyce, Guimarães Rosa, Ezra Pound e tantos outros que ousaram e ousam um mergulho radical na expressão.

Isto não significa experimentalismo gratuito, Pedro Henrique impõe-se pela força da invenção e pela originalidade da linguagem, fazendo do ambíguo a essência de seu processo de comunicação. Não conheço nestas paragens um poeta mais inventivo, quem mais se aproxima dele é Alcides Pinto, mas as invenções de Pedro ultrapassam o conteúdo e a expressão. Essa inquietude pelo inusitado, forte marca de sua escrita, revela-se com todo vigor em duas obras: *Trívia* e *Poemamassado*. *Trívia* é um livro objeto, nele encontram-se colados objetos de uso cotidiano: grampos, palitos de dente, lenço, crucifixo. Um exemplo é o poema a seguir que se encontra acima de um lenço:

este lenço
enxuga afeto que se encerra
enxuga sal, lava suor
saliva sêmen, enxuga
sucos mais que alguns temem
este lenço
é também penso.

Engana-se aquele que pensa que tudo no referido livro é brincadeira. É, sim, ironia, brincadeira, mas brincadeira muito séria, pois, além do aspecto lúdico, que o filósofo Comte-Sponville afirma ser o aspecto mais humano do Homem e que, segundo Schopenhauer, “Toda criança é, de certo modo um gênio; e todo gênio, de certo modo, uma criança”, há reflexões profundas a respeito da vida e da morte. Sobre a crucifixo afirma o eu lírico:

Cruz: braços para receber
nossos filhos e nossos mortos
cruz para nos abençoar

e afugentar os demos
para nos lembrar que/ por amor nos crucifiquemos.

Poemamassado trata-se de uma caixa de madeira, com divisórias, que guarda poemas amassados. Eis um poema amassado, uma espécie de bula poética que ensina o leitor a abri-lo:

para que abras o texto
como quem arma u'a rede/pra s'embalar ou embrulhar-se
(deixá-lo entreabrir-se
e revelar as escamas da memória!).

Além desses dois projetos gráficos inusitados e primorosos, toda a obra de Pedro Henrique foi muito bem projetada por seu editor, mas foi com Plíndola que a Expressão Gráfica ganhou o prêmio de Excelência Gráfica. Além das obras citadas, o poeta escreveu os seguintes livros de poemas *Ilha da Canção* (1983), *Poeróticos* (1984), *Meus eus* (1985), *Circunstâncias* (2003).

Nos poemas de Pedro Henrique, os mais diversos temas ganham formas incomuns e, da combinação de vocábulos polissêmicos, surgem ritmos e sonoridades que surpreendem e seduzem o leitor. Essa forma de escrita, resulta de um trabalho linguístico, que perturba o texto, fratura seu sentido e quebra sua linearidade, como vemos nos dois exemplos a seguir: “*quem há de part/ilhar comigo deste ar/qui pélago? Quem encontraria o rastro/ dos meus pel/ recíveis pés?*”; “*...és o magma que me firma o mento m/ ‘esmaga, amálgama de corpo e alma del/ alfa e d’ômega*. As palavras, ao serem cortadas, perdem o sentido primeiro e ganham novos significados. Essa é a missão ética da literatura e das artes: fazer ver o mundo de outro modo, preencher a espera tensa do sujeito com o susto do estranhamento. Greimas vai chamar a isso deslumbramento: uma espécie de relâmpago passageiro que perturba a visão e nos faz ver de outro modo o que sempre lá esteve, no mesmo lugar e que agora é outro.

O belo poema, abaixo, nos traz um tema recorrente na criação do autor:

*O tempo é sempre outro que não este/
aranhas tecem teias no meu canto/
troçam, as traças, do meu tempo/
mas, embora sempre outro que não este
este foi o tempo que me deste.*

Jogando com a passagem do tempo, o poeta explora as semelhanças sonoras (troçam/traças/tecem/teias), a repetição de vocábulos (outro/este/tempo), a aliteração (repetição do fonema “t”), o nonsense. Todos os fenômenos estilísticos são decorrentes da atmosfera lírica que funde mundo exterior e mundo interior e impedem uma disposição mais nítida das coisas e dos seres criando um contexto impreciso em que a expressão linguística se constrói de forma ilógica.

O erotismo tanto o dos corações, quanto o dos corpos e o sagrado, como quer Georges Bataille em sua obra *O Erotismo*, ocupa espaço relevante na poética de Pedro Henrique Saraiva Leão, como comprovam os fragmentos abaixo:

*- e o amor/ tecido por fadas/, e fados? teria sido fel/ rido? San/ graria, ainda?
- Agarro-me aos teus cabelos como às/ crinas de um alazão, e enquanto
esporeio/ a memória o tempo foge, e apeio-me.
- Calcular a distância/ entre os teus braços/ e o meu desejo/- entre os teus seios e/
a minha ânsia, quem/
há de?*

Segundo Bataille: “Toda a concretização do erotismo tem por fim atingir o mais íntimo do ser, no ponto em que o coração nos fala”. Através da linguagem esteticamente trabalhada, os artistas procuram se fazer ouvir, sair do seu isolamento em busca de uma continuidade, mesmo que ilusória.

Como vimos, os dois poetas, em seus diferentes estilos, equivalem-se na grandeza de suas criações.